

Marçal Rogério Rizzo

marcalprofessor@yahoo.com.br

Simony Jade Pierini Ribeiro

pierini.simony@gmail.com

Silvio Paula Ribeiro

spribeiro@hotmail.com

Marco Aurélio Batista de Sousa

mcbsousa7@hotmail.com

O ARTESANATO COMO UMA ALTERNATIVA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO COSTA LESTE DE ARTESÃOS DE MATO GROSSO DO SUL.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal analisar as características da economia solidária, tendo como base o artesanato realizado pelos membros da Associação Costa Leste de Artesão de Mato Grosso do Sul (ACLAMS), com sede na cidade de Três Lagoas. Para tanto, utilizou-se dos preceitos da pesquisa tipo exploratória e descritiva, as quais foram operacionalizadas por meio de uma pesquisa tipo *survy* com abordagem predominantemente qualitativa. Os dados foram coletados utilizando-se de entrevista estruturada com o presidente da associação utilizando-se da plataforma de reuniões *Google meet*, bem como de questionário elaborado e por meio do formulário eletrônico do *Goole Forms*, e disponibilizado aos artesões para preenchimento. Dentre os principais resultados destacam-se a forte relação que se estabelece entre o artesanato e os valores da econômica solidária, principalmente no que reporta a importância da autogestão, uma vez que os associados participam de todas as decisões da associação e compartilham a liberdade de opinar e questionar as decisões, observa-se a valorização humana, a cooperação e a preocupação com a sustentabilidade de suas ações relacionadas à profissão do artesão.

Palavras-chave: Artesanato. Economia solidária. Autogestão.

HANDICRAFT AS AN ALTERNATIVE OF SOLIDARITY ECONOMY: THE CASE OF THE EAST COAST ASSOCIATION OF ARTISANS OF MATO GROSSO DO SUL.

ABSTRACT

The main objective of the work is to analyze the characteristics of the solidarity economy, based on the handicrafts made by the members of the East Coast Association of Artisan of Mato Grosso do Sul (ECAAMS), based in the city of Três Lagoas. For this purpose, we used the precepts of exploratory and descriptive research, which were operationalized through a *survy* with a predominantly qualitative approach. The data were collected using a structured interview with the president of the association using the *Google meet* meeting platform, as well as a questionnaire elaborated and through the Electronic Form of *Google Forms*, and made available to artisans for completion. Among the main results stood out the strong relationship that is established between handicrafts and the values of solidarity economy, especially in what reports the importance of self-management, since the associates participate in all the decisions of the association and share the freedom to opine and question the

decisions, it is observed the human valorization, cooperation and concern with the sustainability of their actions related to the profession of the artisan.

Keywords: Handicrafts. Solidarity economy. Self-management

INTRODUÇÃO

Desde a ascensão do capitalismo as relações sociais de trabalho vêm sofrendo modificações seguindo as tendências, impulsionada, pela revolução industrial do século XIX. A velocidade da produção em massa colocou os trabalhadores em uma disputa desigual com o maquinário das indústrias obrigando-os a enfrentar longas e exaustivas jornadas de trabalho.

Ao decorrer do tempo com o aumento do distanciamento entre pobres e ricos se mostrou ainda mais evidente a ineficiência do sistema capitalista. Nessas condições, os movimentos sociais, juntamente com o movimento grevista começaram a buscar alternativas para contornar as limitações do capital, dentre eles a econômica solidária (GAIGER, 2004).

Diante desses comentários, este estudo tem como objetivo analisar as características da economia solidária, tendo como base o artesanato realizado pelos membros da Associação Costa Leste de Artesão de Mato Grosso do Sul (ACLAMS), de Três Lagoas.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia solidária é um modo de organização econômica que surgiu como alternativa para romper com a agressividade imposta pelo modelo de produção capitalista,

promovendo um modo de produção e comercialização humanizado através da distribuição de renda igualitária (GAIGER, 2004).

As primeiras organizações solidárias surgiram na Inglaterra no século XIX devido aos impactos da crise econômica no período. Ancorados no imaginário de trabalhar em um sistema econômico que permite a adoção do cooperativismo e do trabalho auto gestor, a economia solidária ganhou força (SINGER, 2002).

Entretanto, ao longo do século XX, a economia capitalista estabilizou permitindo que os trabalhadores assalariados mantivessem um padrão de vida mais confortável, com menores jornadas de trabalho, além do aumento do poder aquisitivo, e ao acesso de bens e serviços e seguridade social. Nesse cenário, os empreendimentos solidários passaram por um processo de desarticulação. Não havia mais descontentamento com o modo de produção capitalista, o domínio do capital já havia se naturalizado entre os trabalhadores assalariados (SINGER, 2002).

Não obstante, as décadas de 1970 e 1980 ocasionaram uma crise econômica trazendo à tona um cenário de escassez, que contribuiu para o desemprego em massa, e a competição entre os trabalhadores, forçando aqueles que conseguiram segurar seu posto de trabalho, a realizar atividades em condições insalubres análogas à escravidão (POCHMANN, 2004).

Nessas circunstâncias, a economia solidária renasce como alternativa a sobrevivência e desenvolvimento em um modelo organizacional (SINGER, 2002).

No Brasil, a reinvenção da economia solidária teve o apoio de entidades ligadas à Igreja Católica, a universidades e aos sindicatos. A expansão dos princípios da economia solidária, se alinharam à luta da redemocratização que culminou no surgimento da Constituição Federal de 1988, que trouxe como princípio fundamental do Estado valorização humana espelhada na economia solidária (SENAES, 2012; GAIGER, 2012).

Esses fatores contribuíram para a articulação dos movimentos nos anos 2000 que trabalhavam em torno dessa temática, os quais abriram o diálogo para a importância das políticas públicas de geração de trabalho e renda, que sobressaísse a dinâmica capitalista (SINGER, 2000).

PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária é amparada em princípios que sustentam a construção de um sistema econômico justo, pautado na autogestão e a humanização. Lechat, (2002, p. 5) defende que a economia solidária é “um conjunto de atividades econômicas cuja lógica é distinta tanto da lógica do mercado capitalista quanto da lógica do Estado”.

Nesse cenário, a compressão dos princípios da economia solidária impulsiona a discussão sobre a implementação de políticas públicas de geração de trabalho e renda, sob a perspectiva de fatores solidários.

Na economia solidária a gestão é coletiva. No entanto, a autogestão não constitui um sistema liberal, mas libertário, que se contrapõe a marginalização do trabalho recorrente no capitalismo (MONTUCLARD, 1975; TRAGTENBERG, 1991).

O princípio da autogestão se apoia na cooperação dos trabalhadores. A cooperação proporciona a interação social entre os membros, e reafirma a constante necessidade dos interesses e objetivos serem comuns a todos os envolvidos. Além disso, a cooperação ressalta a principal vertente da economia solidária, a humanização, que em síntese, contrapõe ao sentimento de rivalidade e egoísmo natural (ARROYO, 2006).

Ademais, a cooperação não se restringe somente ao grupo associado ao empreendimento solidário. O princípio da cooperação se estende aos demais empreendimentos de caráter solidário fornecendo uma rede de apoio entre eles, não há a preocupação em se tornar mais competitivos e derrubar o potencial de produção de outros empreendimentos. Pelo contrário, entende que o fortalecimento do cooperativismo depende da ajuda mútua das partes. Por isso é comum a esses empreendimentos trocar experiências entre si (SINGER, 2011).

O princípio da autogestão e da cooperação estão interligados a outro princípio, o da solidariedade.

A solidariedade é a virtude humana capaz de apaziguar o sofrimento e a angústia, advinda do egoísmo do homem. Em outras palavras, a solidariedade é o ponto de partida para construção de uma sociedade acolhedora que reconheça a importância de fazer o bem, que

esteja disposta a superar os interesses individuais em prol do bem coletivo (GAIGER, 2004).

Contudo, isso não seria possível sem a sustentabilidade e a preservação dos recursos naturais. Dessa forma, a economia solidária promove o respeito ao meio ambiente, uma vez que, é da natureza que são captados os recursos necessários para manutenção da vida.

ARTESANATO E SUAS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS

Historicamente o artesanato é alinhado a origem do homem, onde o mesmo utilizava o artesanato para transformar a matéria-prima, em vestimentas e utensílios para suprir as necessidades de subsistência dos grupos. (SCOPEL; CARVALHO e OLIVO, 2019).

Contudo, com a modernização das sociedades o artesanato se encontrou em um necessário de incertezas. A produção em massa não conciliava com a produção predominantemente manual do artesanato, que por fim, não conseguia competir com a velocidade dos maquinários da indústria. Assim, o artesanato foi aos poucos sendo esquecido e esmagado pela industrialização (CANCLINI, 1995).

No Brasil, a pressão popular dos movimentos sociais por validar as questões étnicas, decorrentes na década de 1980, construiu um necessário propício para o reconhecimento do artesanato como patrimônio cultural imaterial (CANCLINI, 1995).

Diante disso, o artesanato passou a representar a cultura tradicional e popular brasileira como forma de expressão artística e criativa contribuindo para a diversidade cultural

e promovendo o desenvolvimento sustentável através da profissão de artesão regulamentada (BRASIL, 2018).

Por sua vez, a valorização do artesanato é percebida como hierarquização do sujeito. Uma vez que, passa a representar uma ilusória diferenciação entre aqueles que consomem os produtos padronizados, acessíveis a todas as camadas sociais. Aos outros, que podem comprar um produto com diferenciação estética que são demandados pelo preço da etiqueta, e dispõe aos consumidores *status* que desejam, e não pelos elementos que agregam verdadeiramente a peça como, a tradição, memória e cultura popular inerente ao artesanato (CANCLINI, 1995).

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória, descritiva utilizando-se da pesquisa de levantamento tipo *servy* com abordagem predominantemente qualitativa. De acordo com Gil (2002, p. 50), nas pesquisas de levantamento “procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado”. Quanto à contraparte descritiva, visa analisar características, levantar opiniões, atitudes e crenças de determinada população, o que oferece elementos qualitativos para a investigação (GIL, 2002).

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico/webbiográfico para a elaboração da fundamentação teórica sobre os temas economia solidária e artesanato. Para coletar os dados foi realizado uma entrevista com a presidente do projeto e por última aplicação de um questionário para identificar o perfil dos arte-

sões. Essa entrevista foi realizada com o auxílio da plataforma de reuniões do *Google meet*, e o levantamento dos dados foi realizado por meio do formulário eletrônico do *Google Forms*, que é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo *Google*. O período de realização da pesquisa foi a primeira quinzena do mês de novembro de 2020.

Para analisar os dados utilizado da análise descritiva destacando as principais características no público analisado.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Associação da Costa Leste de Artesãos de Mato Grosso do Sul, ACLAMS surgiu da necessidade dos artesãos de fortalecer o grupo. Em 2019, a ACLAMS conseguiu formalizar suas atividades como mediadora dos artesãos associados ao projeto. A ACLAMS é formada por 49 artesãos que trabalham com o macramê, madeira de descarte, alumínio e crochê. Entre os associados, há um grupo que auxilia na gestão da associação. Todos os envolvidos na administração são artesãos e compartilham a gestão.

Em relação a pesquisa, foi questionado o tempo de residência no município de Três Lagoas: 22,6% (7 artesãos) responderam que são naturais do município; 25,8% (8 artesãos) responderam que residem no município de 7 a 10 anos; 22,6% (7 artesãos) responderam que vivem em Três Lagoas há mais de 20 anos, porém não são naturais do município; 9,7% (3 artesãos) residem no município de 3 a 5 anos; 3,2% (1 artesão) informou que vive em Três Lagoas de 17 a 20 anos; 3,2% (1 artesão) de 10 a 15 anos e,

por fim, 3,2% (1 artesão) reside de 5 a 7 anos. A partir dessas respostas pode-se constatar que os artesãos em sua maioria vivem em Três Lagoas há mais de 5 anos.

Também foi questionado sobre o gênero do artesão e constatou-se que 90,3% (28 artesãos) são do gênero feminino e 9,7% (3 artesãos) são do gênero masculino. Isso de certa forma torna ainda mais evidente que são as mulheres que predominam na atividade do artesanato, uma vez que, na maioria dos casos são elas que se interessam em desenvolver alguma atividade manual para complementar a renda.

Com relação a idade pode-se constatar que 25,8% (8 artesãos) têm entre 41 a 45 anos; 19,4% (6 artesãos) estão na faixa de 46 a 50 anos; 16,1% (5 artesãos) possuem 51 anos ou mais; 12,9% (4 artesãos) possuem 36 a 40 anos; outros 12,9% (4 artesãos) tem idade entre 31 a 35 anos; 6,5% (2 artesãos) de 26 a 30 anos e, 6,5% (2 artesãos) com idade entre 18 e 25 anos. Constata-se que a maioria dos artesãos possuem idade que os enquadram na População Economicamente Ativa (PEA) o que denota a importância do artesanato para a sobrevivência e não somente como distração.

Fazendo correlação com a faixa etária, investigou-se o principal motivo pelo qual se faz o artesanato e 17 artesãos, 54,8% responderam que é um meio econômico de complementar a renda, 38,7% (12 artesãos) já afirmaram que o artesanato é a principal fonte de renda; 3,2% (1 artesão) respondeu que faz artesanato para distração e 3,2% (1 artesão) disse que é seu *hobby*.

Também foi perguntado sobre quais são as principais matérias-primas utilizadas no artesanato e constatou-se que tecidos, madeiras, pregos, linhas, tintas em geral, MDF, pedrarias, fitas, papéis, massas de biscuit, vidros, colas, cerâmicas, barbantes, glicerina, latas, potes, cordas, presilhas, zíper, arquinhos, linha encerrada, parafina, concreto, fibras, vasos, cachepots e por fim, plantas como cactos e suculentas.

Em relação a matéria-prima utilizada pelos artesãos, questionou se havia dificuldades de encontrá-la em Três Lagoas e, 45,2% (14 artesãos) afirmaram que às vezes encontram essa dificuldade de acesso; 38,7% (12 artesãos) afirmaram que sim, que existe essa dificuldade e, 16,1% (5 artesãos) já afirmaram que não.

Com base no que foi exposto com relação a matéria-prima, foi questionado quais eram as principais peças de artesanato que são produzidas pelo grupo de artesão e verificou-se que são almofadas, bichinhos de crochê (amigurumi), bolos caseiros artesanais, bonecos de biscuit, bordados em pedrarias, costuras criativas, mandalas, laços, tiaras, máscaras, nécessaires, panos de prato, plaquinhas decorativas, potes decorados, caixas decoupage, roupas de mesa, aromatizadores, sabonetes, *string art*, painéis, velas, suporte para plantas, lagos, vasos e terrários. Notou-se que as maiores frequências de repostas foram para sabonetes e máscaras que é explicado pela conjuntura da pandemia de Covid-19 e para *string art*.

Também foi perguntado sobre o portfólio de produtos, mais precisamente sobre a diversidade de peças que cada artesão produz e comercializa e as respostas foram variadas,

contudo as que apareceram com mais frequência foram: 18,6% (6 artesãos) que responderam que produzem aproximadamente 10 peças diferentes e outros 18,6% (6 artesãos) responderam que produzem 4 peças diferentes.

Já na questão da capacidade, habilidade e conhecimento para elaborar a peça de artesanato 35,5% (11 artesãos) afirmam terem aprendido sozinhos; 22,6% (7 artesãos) apontam que aprenderam com vídeos e com o auxílio da internet; 12,9% (4 artesãos) fizeram cursos; 12,9% (4 artesãos) já apontam o ensinamento por membros da própria família; 6,4% (2 artesãos) já afirmam que a escola quem foi responsável por ensinar; 3,2% (1 artesão) disse que aprendeu com amigos; 3,2% (1 artesão) já afirma que aprendeu de forma mista, por várias fontes e, por fim, 1 artesão (3,2%) já se refere a cursos profissionalizantes. Observa-se que os artesãos em sua maioria tiveram um processo de autoaprendizagem ou utilizaram-se de meios como a internet para buscarem conhecimentos sobre o artesanato que produz. Cabe também ressaltar que muitas vezes o conhecimento do artesanato é passado de geração para geração.

Seguindo por essa linha da investigação notou-se que a principal dificuldade encontrada pelos artesãos na cadeia do artesanato não está na elaboração da peça, mas sim, na comercialização: 45,2% (14 artesãos) afirmaram ter dificuldade para comercializar seus produtos; 29% (9 artesãos) já apontaram que a principal dificuldade está na divulgação; 22,6% (7 artesãos) já apontam que a dificuldade está em comprar a matéria-prima e 3,2% (1 artesão) afirma que a principal dificuldade está no processo de produção das peças.

Quando questionados se fazem divulgação das peças de artesanato elaboradas por eles, 96,8% (31 artesãos) responderam que sim, e 3,2% respondeu que não.

Seguindo a tendência foi perguntado aos artesãos se possuem rede social e 96,8% (31 artesãos) afirmaram que sim e, mais uma vez, assim como na questão anterior 3,2% (1 artesão) afirmou que não.

Entretanto, os artesãos (31 que responderam ao questionário) afirmaram terem seus produtos ou peças já divulgadas nas redes sociais.

Questionados sobre quais são os principais pontos de comercialização de seu artesanato, constatou-se que muitos dos artesãos informaram mais de um ponto de venda, contudo a maioria utiliza-se das redes sociais seu principal ponto de venda. Além das redes sociais a resposta que apareceu como maior frequência foi a própria residência. Também apareceram por vários momentos casos de artesãos que produzem sob encomenda, dessa forma a comercialização já está ligada ao processo de produção.

Vale citar também as respostas com menor incidência como: 4 artesãos citaram que comercializa suas peças em loja especializada da cidade; 1 artesão respondeu que comercializa na feira livre, 1 artesão informou que vende seus produtos em ruas de Três Lagoas e, por fim, 1 artesão respondeu que o principal ponto de comercialização de suas peças é a “Casa do Artesão”. As respostas colhidas nesta questão trazem à tona a ideia de “reinvenção” do modo de comercialização de produtos que a Pandemia de Covid-19 obrigou à todos, inclusive aos

próprios artesãos que também praticaram o isolamento social.

Dando segmento ao entendimento na forma como o artesanato é visto pelos próprios artesãos foi questionado se os mesmos sabem o custo exato de cada peça que produzem e 20 artesãos (64,5%) responderam que sim, 10 artesãos (32,2%) disseram ter uma vaga ideia e 1 (3,2%) já afirmou não.

Ainda neste campo de custo também foi questionado se calculam o valor de sua mão-de-obra em suas peças para o custo final de cada produto e 86,2% disseram que sim, e 13,8% já disseram que não. Isso traz um grau de preocupação quanto a visão do artesanato enquanto negócio ou mesmo como um potencial meio de obtenção de renda, já que devesse ter o custo total de cada peça para calcular o melhor preço de vendas e otimizar sua margem de ganho.

Dessa forma, também foi questionado como é feito o cálculo do preço de venda do produto de artesanato que produzem. A partir das respostas nota-se que as formas são bem variadas. Destaca-se as seguintes respostas: “pela quantidade de material usado, pelo tempo da criação da arte e suas dificuldades do trabalho a ser realizado”. “Custo e mão-de-obra”. “Usando um aplicativo que cronometra o tempo e calcula o valor da hora de trabalho e o custo do material (*crochet.land*)”. “Custo de todo material, horas trabalhadas nas peças, embalagens e valor para fazer entrega”. “Nível de dificuldade e detalhes na peça”. “Porcentagem de material e hora trabalhadas”. “Somo todos os materiais gastos com a confecção da peça, faço o cálculo do tempo

gasto, embalagem e se necessárias despesas de envio”. “Em média três vezes o valor de custo”. “A soma do custo mais margem de lucro”. “Cálculo o valor gasto de matéria-prima. Pego esse valor e multiplico por 3 (meu tempo, meus estudos para chegar até aqui e o preço que paguei para produzir)”.

Também foi questionado qual é na visão do artesão a principal dificuldade na comercialização do artesanato. A resposta com maior frequência foi a “falta de pontos de venda na cidade”, seguida pela “falta de demanda”; “o brasileiro não valoriza o artesanato” e que “o poder aquisitivo da população é baixo para a aquisição de artesanato”. Destacou-se também a falta de apoio por parte do poder público com relação a divulgação do artesanato local.

Ainda sobre a matéria-prima utilizada no artesanato, foi perguntado se o artesão trabalha com estoque de matérias-primas e 71% responderam que sim e 29% responderam que não. Agora sobre o estoque de produtos acabados (peças de artesanato prontas para a venda) 54,8% responderam que sim e 45,2% responderam que não.

Sobre a sazonalidade nas vendas de artesanato 71% afirmaram que há sazonalidade e 29% já disseram que não. Vale lembrar que a sazonalidade depende muito do tipo de artesanato que é produzido, e quando questionados sobre melhor período do ano para a venda a maioria respondeu que é no Natal, final do ano e dia das mães. Outros já apontaram somente as datas comemorativas como melhor momento de vendas de artesanato.

Já o pior período de vendas são os meses de janeiro, fevereiro e março, contudo

também aparece em menor incidência junho, julho e agosto. Isso evidencia que parte dos compradores são do próprio município uma vez que nos meses de férias há menor procura pelos produtos de artesanato.

Também foi questionado se para este pior período de vendas de peças de artesanato se o artesão se prepara anteriormente e de forma planejada para não ter problemas financeiros e obteve-se as seguintes respostas: 54,8% (17 artesãos) afirmaram que se preparam, 22,6% (7 artesãos) afirmaram que não e 22,6% (7 artesãos) já disseram que nunca pensaram nisso.

Foi perguntado se para este melhor período de vendas de peças de artesanato se o artesão se preparava anteriormente planejando a produção para que não faltasse produtos prontos ou matéria-prima e 80,6% (20 artesãos) responderam que sim, 9,7% (3 artesãos) disseram que não e 9,7% (3 artesãos) afirmaram que nunca pensaram nisso.

Buscou-se investigar a opinião do artesão sobre o que poderia ser feito para melhorar o setor de artesanato em Três Lagoas e destacou-se as seguintes sugestões: “Um estudo mais aprofundado da regionalização e aperfeiçoamento das artes em geral, e um olhar com carinho dos órgãos públicos para os Artesãos da nossa cidade”. “Divulgar o artesanato”. “Ter uma maior diversidade de insumos”. “Cursos de aperfeiçoamento e precificação dos produtos”. “Mais divulgação e ajuda para os artesãos”. “Um ponto fixo de vendas dos produtos produzidos pelos artesãos”. “Mais lugares divulgando e vendendo”. “Ministrar cursos

profissionalizantes tendo em vista a conscientização do artesanato como profissão e aperfeiçoamento em acabamentos para melhorar a qualidade na finalização das peças”. “Ter feiras com datas comemorativas”. “Apoio da prefeitura com a instalação de tendas e autorização para acontecer mais feiras”. “Voltar as feiras”. “Ter mais feiras”. “Mais feiras e exposições”. “Projetos para organização e incentivo”. “Maior divulgação em pontos fixos de maior circulação de pessoas”. “Voltar a ter as feiras, mais sei que agora não pode”. “Ter mais espaço para vendas”. “Conscientização e divulgação dos trabalhos artesanais”.

Também foi questionado se consideram o artesanato um negócio, 83,5% (26 artesãos) afirmaram que sim, e 16,7% (5 artesãos) disseram que não. Já 80,6% (25 artesãos) disseram que podem ampliar a produção das peças, e 19,4% (6 artesãos) acreditam que não é possível. Adiante, perguntados se podem ampliar a renda com o artesanato 83,9% (26 artesãos) acreditam que sim, e 16,1% (5 artesãos) disseram que não. Porém todos disseram acreditar que a criação da ACLAS vai trazer melhorias para o artesão. Nesse sentido, perguntamos quais melhorias poderiam conseguir através da ACLAMS as respostas foram diversas, mas a maioria dos artesãos deram respostas que reforçam o suporte dado aos artesãos na compra de insumos, esclarecimento sobre os direitos dos mesmos, apoio na realização de feiras, realização de cursos de capacitação e aperfeiçoamento de novas técnicas, assim como cursos profissionalizantes; auxílio na precificação das peças, e principalmente a

divulgação dos trabalhos e a busca por visibilidade da profissão de artesão.

CONCLUSÃO

O trabalho se propôs a analisar os princípios da economia solidária nas atividades da associação de artesãos. De forma a contribuir com o entendimento do que é a autogestão e apresentar um modelo econômico alternativo ao capital. Para tanto, procurou-se investigar o que é artesanato e entender quais são as limitações da profissão de artesão, e qual é a relação do mesmo com os valores da economia solidária. Através da análise do questionário aplicado, pode-se afirmar que a própria profissão de artesão enfrenta limitações dentro do modelo capitalista, que por vez, não consegue acompanhar a velocidade da produção em massa, o que torna o artesanato preso em uma competição injusta para alcançar o mercado consumidor. Sendo assim, os artesãos encontraram no associativismo o espaço necessário para unir forças e trabalharem em prol do coletivo e ser reconhecidos através do artesanato.

Os artesãos participam das decisões da associação, compartilham entre os outros a liberdade para questionar e dar opiniões sobre o caminho da associação espelhados na autogestão. Além disso, podemos identificar, um forte movimento de cooperação no grupo que busca trazer melhorias para a associação proporcionando aos associados cursos de aperfeiçoamento de técnicas, cursos profissionalizantes. De acordo com os associados, a associação é a principal responsável por reivindicar políticas públicas ao

governo local e formas novas parcerias com a iniciativa privada. Quando analisada as peças produzidas percebe-se o uso de material reciclável e reutilizável, o que reflete a preocupação dos artesãos em estar em harmonia com o meio ambiente. Sendo assim, a ACLAMS realiza suas atividades baseadas nos princípios da economia solidária que estão presentes na rotina dos associados sendo a autogestão, cooperação e a sustentabilidade recorrente na fala dos associados ao projeto.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- BRASIL. **Ministério da Indústria**. Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de Julho de 2018. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília.
- CANCLINI, N. G. **As Culturas populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- GAIGER, L. I. Práticas sociais e conhecimento acadêmico no campo da Economia Solidária. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 2012.
- GAIGER, L. I. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. DADOS – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro. v. 47, n. 4, p.799-834, 2004
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LECHAT, N. M. P. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. In: Economia solidária. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosoiv1.pdf>> Acesso em: 05 de agosto de 2020.
- MONTUCLARD, M. **Autogestão e dialética**. Porto: Paisagem, 1975.
- POCHMANN, M. **Economia Solidária no Brasil**: possibilidades e limites. Mercado de Trabalho. Brasília: IPEA, 2014.
- SINGER, P. **Desenvolvimento solidário**: Significado e estratégia. Disponível em <<http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/Nesol2.pdf>> Acesso em: 27 de julho de 2020.
- SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.
- SINGER, P. **O lado oculto do governo**. Revista Teoria e Debate / nº 61 - fevereiro/março de 2005. Disponível em <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3228>> Acesso em: 27 de julho de 2020.
- SCOPEL, V. G.; CARVALHO, A. M.; OLIVO, P. B. **Atesanato e cultura brasileira**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
- TRAGTENBERG, M. **Reflexões Sobre o Socialismo**. São Paulo. Editora Moderna, 1991.